



ARGUMENTAÇÃO TEOLÓGICA: A EXISTÊNCIA DE DEUS. ENTENDER A NECESSIDADE DA EXISTÊNCIA DE DEUS PARA O SENTIDO DA VIDA E A RACIONALIDADE DA FÉ

(Theological argument: the existence of God.
Understanding the need of the existence of God for
the meaning of life and the rationality of faith)

Alex da Silva Mendes

Mestrando em Teologia pela PUC/SP

E-mail: professoralex.educacao@gmail.com

RESUMO

De início, é preciso que se diga que a existência de Deus é a grande afirmação pressuposta pela Bíblia. A Bíblia não tenta provar a existência de Deus, ela simplesmente assume essa existência como um fato. O excelente teólogo reformado Louis Berkhof afirma: "Para nós, a existência de Deus é a grande pressuposição da teologia". De fato, nenhum teólogo poderia negar a existência de Deus, pois isso o faria automaticamente ficar sem profissão. Ao longo da história, contudo, filósofos e teólogos têm debatido se a mente humana pode ter certeza da existência divina. Será que a existência de Deus é um assunto que deve ser aceito somente pela fé? Ou será que é possível, a partir da razão e de argumentos racionais, provar a existência de Deus?

Palavras-Chave: Existência de Deus; Argumentos; Teologia, Preambula fidei.

ABSTRACT

At first, it must be said that the existence of God is the great affirmation presupposed by the Bible. The Bible does not attempt to prove the existence of God, it simply takes this existence as a fact. The great Reformed theologian Louis Berkhof says: "For us the existence of God is the great presupposition of theology." In fact, no theologian could deny the existence of God, as this automatically would cause him to be without profession. But throughout history, philosophers and theologians have debated whether the human mind can be sure of God's existence. Does the existence of God is a matter that must be accepted by faith itself? Or is it possible, from reason and rational arguments to prove the existence of God?

Keywords: Existence of God; Arguments; Theology; Preambula fidei.

INTRODUÇÃO

Desde já, é preciso que se admita que a fé seja absolutamente necessária para que se aceite a existência de Deus. No entanto, o ponto a ser discutido é: esta fé se baseia em quê? Além do mais, o que poderia ser excluído deste princípio? Quando a fé não se faz necessária? Será que temos provas suficientes para todas as nossas crenças, sejam religiosas, científicas ou morais?



Até agora percebemos que os grandes argumentos contra a existência de Deus tombam diante de uma análise mais detalhada. Será, todavia, que somente podemos ir pelo caminho da defesa, ou há muita discussão entre os teólogos se é possível apresentar provas racionais a respeito da existência de Deus sem o uso da Escritura? O que deve ser esclarecido é que, se por provas racionais se entende que elas devem convencer a todos que Deus existe, ou que é o único instrumento do despertamento espiritual de alguém, então, não existem tais provas. Somente o Espírito Santo, fazendo uso da revelação, pode convencer alguém da existência de Deus. Historicamente, alguns argumentos têm sido formulados para defender a Sua existência.

1. O ARGUMENTO ONTOLÓGICO: A IDEIA DE UM SER SUPERIOR

Segundo este argumento, uma das coisas que nos leva a pensar que Deus deve existir é o fato de que todos têm esta noção em si mesma. Em geral, a ideia que as pessoas fazem de Deus é a de um ser superior e infinito. A questão é como noções de um ser infinito podem surgir em mentes de seres finitos? O filósofo e matemático francês Descartes (1595-1650) não conseguia entender que o homem fosse capaz de criar essas ideias. Para ele, isso necessariamente precisava ter vindo de fora, ou seja, do próprio Deus.

É fato inegável que a crença na existência de um ser superior é generalizada e, por mais que seja descaracterizada em muitos lugares, não anula a evidência de que aponta para algo além de nós mesmos. Segundo este argumento, todos imaginam que exista uma divindade, logo esta divindade deve mesmo existir. Para muitos teólogos e filósofos, o argumento é convincente, embora deva ficar claro que ele não prova objetivamente a existência de Deus. Mas não se pode negar que dá uma resposta bastante convincente a uma situação verificável: a ideia do divino que é comum em todas as pessoas. (Lima; Leandro Antônio. 2013).¹

2. O ARGUMENTO COSMOLÓGICO: TODA CAUSA TEM UM EFEITO

Outra ideia comum e aceita entre os homens é que todo efeito precisa ter uma causa. Diz-se que uma obra de arte não surge do nada, ela precisa de um grande artista. Uma das leis da física é que não há efeito sem causas. Nesse sentido, o mundo criado é o efeito, enquanto que o criador, a causa. Sendo o mundo tão grandioso como é, necessariamente precisa ter uma causa grandiosa também. Este argumento vai além do anterior, que determina apenas a existência de um ser superior, demonstrando que esse ser superior é também infinito, pois só alguém infinito poderia ter criado um universo tão grande. Popularmente se diz que o universo é infinito, mas é claro que de forma absoluta isso não é possível. Somente Deus pode ser infinito, pois a existência de dois infinitos é uma contradição. O universo, entretanto, é enorme, além da compreensão do homem. A existência de um universo tão grande pressupõe a existência de um Deus ainda maior. A falha desse argumento tem sido apontada pelo fato de que, se toda causa tem um efeito, então, Deus também precisaria ter uma causa. A resposta é

¹ LIMA, Leandro Antônio. As grandes doutrinas da graça. São Paulo. Agathos, 2013.



que Deus é a causa de si mesmo, ou seja, a causa não causada. Ele é eterno, isto é, existe desde toda a eternidade. O valor desse argumento está no fato de dar uma explicação para a origem de todas as coisas, o que nenhuma outra teoria consegue de forma mais convincente.²

3. O ARGUMENTO TEOLÓGICO: HÁ PROPÓSITO EM TUDO QUE EXISTE

O mundo não é caótico, ao contrário, em todos os lugares é possível ver ordem, propósito, organização e harmonia. O mundo revela um senso de inteligência que não pode ser ignorado. Há muitos exemplos disso:

No ciclo das águas, a chuva faz a água cair sobre a terra, a água corre para o rio, o rio corre para o mar, o sol faz evaporar a água do mar que sobe até as nuvens, e das nuvens cai outra vez sobre a terra, e assim o ciclo reinicia (Eclesiastes 1.7). Essa noção de organização e inteligência pode ser vista até mesmo nas coisas mais insignificantes, como na vida dos insetos, ou nas coisas mais sofisticadas, como na constituição do corpo humano. Toda a simetria, toda a lógica, toda a harmonia pressupõe uma inteligência maior que tenha planejado tudo.

A organização do universo pressupõe a existência de um ser inteligente e com propósitos definidos. Este argumento vai além dos anteriores porque determina a existência de um ser inteligente e sábio que planejou o universo. A ideia é que pode ser vista na natureza evidência de um design inteligente. Quando se analisa um floco de neve, por exemplo, percebe-se que ele tem um desenho, mas é um desenho que pode ser explicado através de causas naturais, como a intensidade do frio, a velocidade e a inclinação do vento, etc. Entretanto, quando se analisa uma molécula de DNA que compõe o “genoma” humano, aí estamos diante de uma complexidade que não pode ser explicada simplesmente a partir de elementos naturais. Estamos diante de um “design inteligente”, o que pressupõe um criador inteligente.³

4. O ARGUMENTO MORAL: HÁ UMA IDEIA DE MORAL IMPLÍCITA EM TODOS

Há em todos nós homens uma noção de certo e errado. Todos almejam por justiça e se irritam com a injustiça. Tal noção depende muito do aprendizado que a pessoa recebe durante a vida, mas não totalmente, pois há um grau em que esse senso é inato a todos os homens. Até mesmo os piores criminosos têm uma noção de justiça. A questão é: de onde vem tal noção? A explicação é que a noção é implantada pelo próprio Deus. Hodge argumenta que “como a imagem do sol refletida de um espelho ou da lisa superfície de um lago nos revela que o sol existe e o que ele é, assim a alma humana, tão clara e infalivelmente, revela que Deus existe e o que ele é”⁴. Somos criaturas morais. A moral não poderia se originar em nós mesmos, por isso, deve existir um Deus que a implantou em nós. A evolução não consegue explicar a existência dessa moral. Este argumento vai além dos anteriores, pois não só diz que Deus

² LIMA, Leandro Antônio. As grandes doutrinas da graça. São Paulo. Agathos, 2013.

³ LIMA, Leandro Antônio. As grandes doutrinas da graça. São Paulo. Agathos, 2013.

⁴ HODGE, Charles. Teologia Sistemática. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.



existe, que é infinito, que é sábio, mas que é um ser moral. Até mesmo Kant, que procurou rejeitar os demais argumentos, aceitava esse argumento, pois entendia que o caminho próprio da religião era o caminho da moral. Para Kant, o homem é um ser moral e, portanto, deve refletir a vida de um Deus moral.

Não achamos que esses argumentos sejam provas definitivas de que Deus exista. Como já dissemos, em última instância, a fé é necessária para que se creia que Deus existe. De qualquer forma, esses argumentos são úteis a ponto de nos ajudar a entender que não é irracional crer na existência de Deus. Gruden pensa que “o valor dessas provas reside principalmente na superação de algumas objeções intelectuais dos descrentes”.⁵ E podemos acrescentar que são úteis para demonstrar a racionalidade da fé. Portanto, não provam que Deus existe, mas provam que a fé em Deus é razoável, ou seja, que a fé é racional.

5. NATURALISMO IRRACIONAL

O naturalismo está na moda nesse mundo moderno. Tudo o que é da “natureza” é automaticamente mais aceito. As pessoas cultuam a mãe natureza, e procuram soluções “naturais” para seus problemas. A existência humana também tem sido explicada a partir de elementos naturais. Nesse sentido, evolucionismo e naturalismo são sinônimos. É a tentativa humana de explicar a existência do homem sem precisar apelar para o sobrenatural, para o divino. Contudo, que sentido teria a vida se não existisse um Deus? Se imaginarmos que tudo é obra do acaso, se acreditarmos nas teorias naturalistas e aceitarmos que tudo o que existe é produto da evolução, no fim das contas teremos que dizer que não viemos de lugar algum e nem vamos para lugar nenhum. Seríamos apenas um fruto de um acidente cósmico, de uma espécie de conspiração molecular inanimada. Um dia a matéria morta, por algum motivo ignorado, tornou-se animada. Após passar por um longo processo evolutivo, tornou-se o que somos hoje. É preciso entender, porém, que não houve propósito algum nisso tudo. Foi apenas obra do acaso. De um terrível e impessoal acaso que pode se inclinar para qualquer lado, de maneira que alguém viva até ultrapassar os 100 anos, ou morra daqui a alguns minutos por uma bala perdida, sem que exista qualquer ordem ou propósito. Esse rolo compressor chamado “acaso” passa por cima de todos, sem levar em conta sentimentos, sonhos, planos ou desejos. De qualquer forma, não fará diferença viver 100 anos ou 1 minuto, pois o destino de todos é o mesmo: nenhum. Debaixo dessa sombra, não faz diferença o cultivo das virtudes ou a prática dos excessos. Ajudar ou prejudicar, matar ou dar vida, ser honesto ou desonesto, são apenas lados de uma mesma moeda, uma vez que, depois do túmulo para onde todos vão, não há recompensas ou punições, louvores ou vaias. Se não existe um Deus que tenha propósitos para este mundo e para a vida do homem, então não existe razão, não existe esperança, e nada faz sentido. A conclusão lógica e única que se pode chegar a partir de uma concepção assim é que não vale a pena viver, pois a vida não teria sentido. Não é de admirar o desespero de homens e mulheres que se negam a crer na existência de Deus. De fato, como diz Schaeffer, eles baixaram a linha do desespero. Lá não existe mais nada lógico, nem coerente. Tudo virou irracional. Eis a razão do estado caótico do mundo moderno que tem construído seu modo de vida sobre esse frágil alicerce chamado “acaso”. O soalho debaixo de nossos pés treme porque

⁵ GRUDEN, Wayne. Teologia Sistemática. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.



o grande princípio sustentador da sociedade foi repudiado. Deus foi destronado e o acaso posto em seu lugar.⁶

6. IRRACIONALISMO PURO

O naturalismo é uma das maiores forças que o teísmo já enfrentou. Definimos naturalismo como o conjunto de teorias que de uma forma ou de outra, defende o evolucionismo como explicação da vida. A tese principal do naturalismo é que não existe uma causa absoluta para a existência de todas as coisas. Uma definição clássica do naturalismo é:

“O homem é o produto de causas que não tinham previsão de fim para o que foram feitas, sua origem, seu crescimento, suas esperanças e medos, seus amores e suas crenças, são consequências de acidentais colocações de átomos“. Desse modo, a vida surgiu necessariamente da própria matéria inanimada, sendo que, de alguma maneira, a matéria, nos primórdios da vida, foi energizada a tal ponto que, inexplicavelmente, se transformou em matéria animada. Através de um vagaroso processo evolutivo, sempre impulsionado pelo “comportamento adaptativo”, o ser humano veio a ser o que é hoje. Esse comportamento adaptativo é a chave para entendermos a evolução. Foi ele que selecionou naturalmente o que deveria mudar no homem, a fim de que sobrevivesse. Se dois braços são melhores do que um para a sobrevivência, então, o processo de adaptação permitiu dois braços. O próprio cérebro humano é fruto deste desenvolvimento. O cérebro se desenvolveu para garantir a sobrevivência da espécie. Nesse sentido, o homem continuará evoluindo e sempre se adaptando às necessidades do seu habitat natural. Se no futuro as pernas não forem necessárias, elas poderão deixar de existir e, no lugar delas, talvez nasçam asas. De qualquer forma o homem sempre se adaptará para uma melhor sobrevivência⁷.

A questão que surge é a seguinte: será que o naturalismo é racional? Em última instância podemos dizer que o naturalismo também é questão de fé. Os cientistas não têm provas concretas do que dizem, porém creem que é verdade. Kuyper argumenta que “toda ciência, num certo grau, parte da fé”, pois “toda ciência pressupõe fé em si”, ou seja, para continuar defendendo a posição naturalista, é necessário acreditar que ela seja verdadeira, apesar da escassez de provas, e isto é fé. A primeira observação que pode ser feita sobre o naturalismo é que sua base é extremamente frágil. Ele tem uma belíssima estrutura construída, mas seus pés são de barro. Uma pergunta sempre ficará sem resposta no naturalismo: qual é a causa última de todas as coisas? Só há uma resposta: o nada. Essa não é uma resposta muito convincente, todavia não há outra. Ou o naturalista faz o sacrifício mental e diz que é o nada, ou cai no desvario de dizer que a matéria é eterna. Nesse ponto só resta para o naturalismo a irracionalidade. Não há saídas. A única forma que a ciência tem de se manter racional é admitindo que Deus existe, e que como diz Kuyper, “o cosmos não se torna vítima dos caprichos do acaso, mas que existe e desenvolve-se a partir de um princípio, segundo uma ordem estável, visando um plano fixado”? Este princípio somente pode ser Deus. O famoso Big-Bang não pode ser este princípio, pois é preciso que a causa última de todas as coisas seja uma “causa em si mesma”. Se ela não for a causa de si mesma, terá que ter outra causa e a

⁶ LIMA, Leandro Antônio. As grandes doutrinas da graça. São Paulo. Agathos, 2013.

⁷ RUSSEL, Bertrand. Why I Am Not a Christian. New York: Simon and Schuster, 1957, p. 107.



outra, por sua vez, outra, e assim até o infinito. Kuyper está mais uma vez certo ao afirmar que: sem uma profunda convicção desta unidade, estabilidade e ordem, a ciência é incapaz de ir além de meras conjecturas. Somente quando há fé na conexão orgânica do Universo, haverá também a possibilidade para a ciência subir da investigação empírica dos fenômenos especiais para o geral, e do geral para a lei que governa acima dele, e desta lei para o princípio que domina sobre tudo⁸. Ao excluir Deus, o naturalismo se tornou irracional, pois excluiu o princípio. Caiu num círculo vicioso de teorias que precisam comprovar outras teorias, como se uma mentira pudesse fazer com que outra mentira se tornasse verdade. O naturalismo é um sistema contraditório, e a nossa própria estrutura intelectual é a lógica, como uma elaboração daquela nos ensinam a não crer em contradições: algo não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Não dá para acreditar em algo que desminta a si mesmo. Alguns tipos de raciocínios São uma espécie de “bomba relógio”, pois destroem a si mesmos. A máxima do modernismo, por exemplo, era que “toda verdade precisa ser verificável”.

Por muito tempo as pessoas acreditavam que, com esta afirmação, tinham chegado ao máximo do saber. Até que alguém levantou a seguinte questão: se toda verdade precisa ser verificável para que seja verdade, então, essa verdade (a própria declaração) também precisa ser verificável.

Se não há como verificá-la, não há como comprová-la, então ela é falsa. Assim, se é verdade que “toda verdade precisa ser verificável”, então não é verdade que toda verdade precisa ser verificável. O mesmo pode ser dito do pós-modernismo que apregoa: “Não existem absolutos”. Se não existem absolutos, então essa própria afirmação não pode ser um absoluto. Estes são exemplos de argumentos autodestrutivos, aos quais Aristóteles, se os conhecesse, teria chamado de sofismas. O naturalismo também é autodestrutivo. Alvin Plantinga, um filósofo reformado norte-americano expôs o argumento da seguinte forma:

1) Se o naturalismo é verdade, então nossa mente é um produto da evolução. 2) A evolução seleciona para a sobrevivência; portanto, a mente foi desenvolvida para a sobrevivência, não para conhecer a verdade. 3). Se o naturalismo é verdade, não temos suficientes razões para acreditarmos que nossa mente poderia determiná-lo como verdade, e o agnosticismo, portanto, faria mais sentido. Então, se o naturalismo fosse verdadeiro, nunca poderíamos constatar isso. Portanto, percebe-se que o naturalismo não é uma saída racional para o enigma da existência do mundo e da vida inteligente. “No entanto, antes de falar sobre a explicação teísta, é preciso rebater um argumento bastante usado nos meios acadêmicos para se negar a existência de Deus”.

7. A EXISTÊNCIA DO MAL

Sempre que um ateu tentar argumentar contra a existência de Deus, o principal argumento que usará é o que explora a existência do mal. O argumento consiste nas seguintes partes:

- 1) Deus existe, ele é onipotente, onisciente e onipresente e, acima de tudo, é bom.
- 2) Existe o mal. A questão é: como um Deus bom, todo-poderoso e todo sábio, poderia ter permitido que o mal existisse? Dessa forma, ou Deus não é bom por permitir tanta maldade

⁸ KUYPER, Abraham. Calvinismo, p. 123.



nesse mundo, ou ele não é todo-poderoso, nem sabe todas as coisas, pois, devido a um erro seu, por falta de previsão ou de poder, o mal entrou no mundo. A lógica parece irrefutável:

Se existe o mal, Deus não existe ou, no mínimo, ele não é bom, nem todo-poderoso. Algumas soluções para esse problema não ajudam. Se dissermos que o mal é independente de Deus, então, Deus não é todo-poderoso. Se simplesmente dissermos que Deus é o autor do mal, então, ele não é bom. Muitos cristãos não têm resposta para essa argumentação. “Todavia, a solução existe”. Se houver uma terceira razão, que pudesse ser consistente tanto com a existência de Deus quanto com a existência do mal, então anularíamos esse argumento. Ou seja, se houver uma razão pela qual Deus, que é bom, tivesse um bom motivo para tolerar o mal, então a existência de Deus e a existência do mal não seriam mutuamente excludentes. Qual seria, porém, esta boa razão pela qual o Deus Born onisciente, onipresente e onipotente teria permitido o mal? Há uma razão: para sua glória. A Escritura diz que todas as coisas existem para a glória de Deus. Deus manifesta sua glória ao permitir que o mal exista, pois sabe como lidar com ele. A existência do mal permite, por exemplo, que Deus demonstre sua misericórdia. Se o homem não tivesse caído no pecado, jamais conheceria a misericórdia de Deus em sua plenitude. Deus, que “é amor” (1Jo 4.8), demonstra a intensidade desse amor que o leva a entregar o próprio Filho pelos pecados dos homens (Jo 3.16). Paulo diz que o fato de Deus entregar seu Filho para morrer pelos pecadores é a prova de seu amor (Rm 5.8). Se o mal não existisse, essa prova não seria dada. A encarnação do Filho está intimamente ligada à existência do mal. Sem o mal, o Logos não precisaria se tornar um homem, e o maior e mais espetacular acontecimento da história do universo não aconteceria: a encarnação (Jo 1.14). Ainda devemos lembrar que uma criação testada e aprovada é mais valiosa do que uma criação que jamais foi testada⁹. “Nesta linha de argumentação, podemos dizer que o homem, que uma vez caiu no pecado e experimentou todas as mazelas decorrentes disso, depois de redimido, não terá mais a mínima vontade de pecar”. Ainda devemos observar que a qualidade de um objeto deve ser avaliada primariamente dentro do seu propósito. A criação de Deus, dentro de seu propósito, eterno e soberano, tinha como característica essencial a possibilidade concreta e real, até mesmo, de desobedecer a Deus.

Concluimos, então, que a existência do mal não impossibilita a existência de um Deus bom e todo-poderoso. O mal, como todas as coisas, existe para a glória de Deus. Entretanto, isso não significa que possamos entender de forma lógica essa questão. Pela lógica humana, sempre haverá lacunas em qualquer explicação sobre a existência do mal e a existência de Deus. Não precisamos nos envergonhar de não ter essas respostas plenas, até porque, para que isso fosse possível, teríamos que ter uma mente igual à de Deus. Nosso desejo foi demonstrar que a existência do mal não inviabiliza a existência de Deus. De acordo com Schaefer, o cristianismo é o único sistema de crenças que pode dar a resposta para o enigma da existência do mal, embora esta não seja uma resposta puramente racional, pois ela parte da fé. Somente o cristianismo pode dar esta resposta, porque somente ele crê na descontinuidade da atual condição do homem. O mal não é algo intrínseco ao homem. O homem não foi criado essencialmente mal, mas se tornou assim por um ato de sua vontade. Como vimos, Deus tolerou o mal porque tinha bons motivos para isso, porém o mal não é a condição “normal” do homem. Disso decorre que o mal pode ser combatido no homem, coisa que o mundo moderno, que vê o mal como algo natural, não pode afirmar, pois se o homem lutasse contra o

⁹ SENNETT, James F. *The Analytic Theist – An Alvin Plantinga Reader*, pp. 22-49.



mal, estaria lutando contra si mesmo. A evolução poderia levar o homem definitivamente para o lado do mal, desde que isso garantisse a sobrevivência da espécie. De qualquer forma, para a evolução não faria qualquer diferença, pois não há mal, nem bem, tudo é fruto do acaso. No cristianismo, o mal é um intruso que, não obstante sirva aos propósitos de Deus, no devido tempo será extirpado. "É justamente o seu caráter de intruso que garante que ele pode deixar de existir"¹⁰.

8. PENSAMENTOS ELEVADOS

Não conseguimos entender a maneira como funciona a mente de Deus. Isso é atestado claramente pela Escritura. O próprio Deus disse: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos" (Is 55.8-9). A maneira como funciona a mente de Deus é tão diferente, que seus pensamentos e propósitos se tornam incompreensíveis para nós. Não é sem motivo que Paulo declara: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor?" (Rm 11.33-34). Essa declaração de Paulo se torna ainda mais cativante pelo fato de ter sido proferida justamente após ter tratado do difícil assunto chamado "predestinação", ou seja, Paulo reconhece que a mente de Deus está muito acima da nossa e que, muitas coisas que Deus planeja, não temos como compreender. Entretanto, é preciso que fique claro que a Bíblia não quer dizer com isso que na mente de Deus a contradição seja aceitável. É comum, quando nos encontramos diante de uma situação aparentemente contraditória, dizermos: "Isso pode não fazer sentido para nós, mas funciona perfeitamente na mente de Deus". Essa expressão pode ser perigosa, pois, se o nosso raciocínio é contraditório, nem mesmo Deus poderá nos socorrer. A mente de Deus realmente é diferente da nossa, mas isso não quer dizer que ela admita contradição. Sua mente é elevada e trata de questões incompreensíveis para nós, porém tudo o que Deus pensa faz sentido e é perfeitamente lógico¹¹.

No livro de Jó encontramos a seguinte afirmação: "Deus é grande, e não o podemos compreender" (Jó 36.26). Não há medidas que possam ser usadas para se mensurar Deus. Todas as nossas noções de tamanho derivam da capacidade que temos de medir os objetos. A infinidade de Deus o torna incompreensível para nós porque ele é incomparável. Quando queremos entender o tamanho ou a beleza de algo, basta colocarmos outra coisa ao lado e teremos uma noção. O problema é que não podemos colocar nada ao lado de Deus. Ele é absolutamente incomparável. Isaías questiona: "Com quem comparareis a Deus? Ou que coisa semelhante confrontareis com ele?" (Is 40.18). Nesse texto, Isaías está profetizando para o povo de Judá, que seria cativo da Babilônia, que era o maior império daquela época. Aparentemente, o insignificante reino de Judá perante Babilônia não teria a mínima chance de ser libertado. Porém, o profeta afirma que Deus é maior que a Babilônia e de que qualquer

¹⁰ SCHAEFFER, Francis. O Deus que se revela, p. 68-69.

¹¹ SPROUL, R. C. Verdades Essenciais da Fé Cristã. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1198.



nação que exista ou possa existir. Não há a menor comparação e por isso ele diz: "Eis que as nações são consideradas por ele como um pingo que cai de um balde e como um grão de pó na balança; as ilhas são como pó fino que se levanta" (Is 40.15). E depois arremata: "Todas as nações são perante ele como coisa que não é nada; ele as considera menos do que nada, como um vácuo" (Is 40.57).

A estrutura do texto é fascinante. Primeiro o profeta diz que as nações, se comparadas a Deus, são como "um pingo que cai de um balde". Em seguida ele reduz o tamanho, "como um grão de pó na balança". Não contente com essa definição, reduz mais uma vez: "como pó fino que se levanta". Em seguida volta a reduzir: "como coisa que não é nada". Quando parecia que havia chegado ao mínimo possível, reduz outra vez: "ele as considera menos do que nada, como um vácuo". A definição de vácuo pode ser: "Algo vazio, com ausência até de ar".

É dessa forma que Deus considera as superpotências do mundo. Nações como os antigos Impérios da Babilônia, Grécia e Roma e poderíamos acrescentar os modernos Alemanha, Rússia e Estados Unidos são diante de Deus, menos do que nada. Ele é de fato incomparável. Como compreendê-lo?

A grandeza de Deus é algo fora de qualquer comparação. O profeta pergunta retoricamente: "Quem na concha de sua mão mediu as águas, e tomou a medida dos céus a palmos? Quem recolheu na terça parte de um efa o pó da terra, e pesou os montes em romana e os outeiros em balança de precisão?" (Is 40.12). Sabemos que os céus são tão vastos que o homem não consegue medir, mas retoricamente, Isaías diz que Deus mede a palmos. A quantidade de água dos mares e dos rios é incalculável, mas o profeta diz que todas as águas cabem na concha da mão de Deus. Além disso, ele pesa os montes em "romana", a balança que serve para quantificar mínimas gramas de ouro. A grandiosidade da Criação nos fala de um criador ainda mais grandioso. Se o universo que Deus criou não pode ser medido, quanto mais o próprio Deus que realizou essas obras tão grandiosas. A imensidão de sua obra, de seu agir, nos mostram o quanto ele é grande e incompreensível ao nosso entendimento.

O modo como Deus dirige a História do mundo também é incompreensível para nós. Alguém consegue entender todos os propósitos dele, bem como o porquê de certas coisas acontecerem e outras não? De alguma forma, entretanto, sabemos pela Escritura que tudo o que acontece está sob o domínio de Deus. Deus é aquele que providencia comida para os corvos (Jó 38.41), que cuida dos lírios dos campos (Mt 6.30), que não permite que um pardal caia sem sua aprovação e que sabe, até mesmo, o número de cabelos que temos na cabeça (Mt 10.29-30). Por que Deus se preocuparia até com os corvos? Os corvos se alimentam de restos de animais mortos e nisso vemos que até a morte cumpre algum papel. Porém, uma coisa é saber que ele controla tudo, outra é entender seus propósitos. É difícil entender que as guerras, as catástrofes e, até mesmo, as tragédias, apesar de serem originadas pelos homens, de alguma maneira, fazem parte do seu plano. É difícil entender que mesmo esse mundo de injustiças, opressões e violência, não segue um curso independente do plano de Deus. Sabemos que todas essas coisas acontecem por causa do pecado que entrou no mundo, mas também sabemos que Deus não assiste a tudo isso impotente ou impassivelmente. Se ele permite que



tudo seja dessa forma é porque, de alguma maneira incompreensível para nós, faz parte de seus propósitos¹².

O plano de Deus para o mundo e para cada pessoa pode parecer incompreensível e até mesmo contraditório em certas situações, pois pode se assemelhar a uma grande construção inacabada. Quando passamos diante de um prédio e vemos uma placa demonstrando o que o prédio será, podemos ter dificuldades em imaginar que toda aquela confusão de materiais e instrumentos, no final, se transformará em um prédio perfeito. No entanto, por trás de um prédio bem construído, há em geral um excelente projeto. Na construção de Deus, há muitas coisas que parecem estar fora do lugar, porém, no final veremos que tudo se encaixa perfeitamente e que seguiu um projeto perfeito. Mas agora não conseguimos ver isso e, assim, temos dificuldades em entender os caminhos de Deus.

9. AMOR INCOMPREENSÍVEL

Não conseguimos entender, sequer, a maneira como Deus se relaciona com o homem, naquilo que chamamos de Evangelho. Como Deus pode amar uma criatura decaída como o ser humano? Como entender o amor que o leva a entregar seu próprio Filho como sacrifício pelos pecados de homens corruptos? De fato: "Não podemos compreender como Deus ama, pois o modo de ele amar é muito diferente do nosso". A base do seu amor está nele próprio e nunca nas razões que o objeto amado oferece. Conosco é exatamente o inverso e, por isso, o que ele faz por nós se torna incompreensível. Podemos dizer que o versículo mais conhecido e proclamado da Bíblia é talvez o mais incompreensível para nós: "Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigênito, para todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). Como explicar esse amor? Como entender a medida dele, ou sua intensidade?¹³

10. CONHECIMENTO REVOLUCIONÁRIO

O conhecimento que podemos ter de Deus é algo que emana do próprio Deus com o propósito de transformar as pessoas. É um conhecimento que integra todas as partes de nosso ser e produz transformações profundas em nosso caráter, vontade, sentimentos, pensamentos e ações. Num resumo, é algo que redireciona a vida de alguém. Jeremias diz: "Assim diz o Senhor: não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte, na sua força, nem o rico, nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o Senhor e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o Senhor" (Jr 9.23-24). Note a completa inversão de valores que o conhecimento de Deus produz na vida das pessoas. Coisas como "sabedoria", "força" e "riqueza" são as grandes fontes propulsoras desse mundo, pois tudo é construído sobre esses alicerces e todos os homens buscam essas coisas, de uma forma ou de outra. Conhecer a Deus, entretanto, faz com que esses valores sejam invertidos. Conhecer a Deus é o verdadeiro motivo de orgulho e não o simples fato de se possuir sabedoria, força ou riqueza. Conhecer a Deus e experimentar sua misericórdia, juízo e justiça é o grande motivo de nossa existência e faz com que nossa vida tenha real

¹² SPROUL, R. C. Verdades Essenciais da Fé Cristã. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1198.

¹³ SPROUL, R. C. Verdades Essenciais da Fé Cristã. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1198.



significado e não seja mera vaidade e correr atrás do vento (Ec 2.11). Conhecer a Deus muda a noção da existência¹⁴.

Se conhecemos a Deus, sabemos que a vida tem sentido e que nada acontece por acaso nesse mundo. Nessa perspectiva, nossos maiores temores podem se dissipar, e nada há que consideremos como impossível ou inalcançável. Conhecer a Deus modifica a maneira como encaramos as dificuldades e os prazeres da vida. As dificuldades não serão mais simples "cruzes" carregadas sofridamente ao longo da vida. Quem conhece a Deus procura achar a razão ou o objetivo em estar passando por tudo aquilo. Alguém que sofre sem ser culpado deve pensar que Deus tem um propósito para sua vida com aquele sofrimento. Sabe que não precisa se revoltar contra o mundo, contra as pessoas e nem contra Deus por não ter feito aquilo que desejava. Também a concepção dos prazeres mudará. Em primeiro lugar, a busca pelos prazeres jamais será o principal objetivo nesse mundo. O principal objetivo de quem conhece a Deus é conhecê-lo ainda mais. Isso não quer dizer que será preciso se privar de todos os prazeres que existem. É certo que dos ilícitos sim e, quais sejam esses, a Bíblia tem a palavra final, no entanto, com relação aos prazeres permitidos, eles devem ser considerados uma dádiva de Deus, e desfrutados nele (Ec 2.24-26). A vida vivida em sua plenitude física e espiritual, em conformidade com a Escritura, é cheia de deleites, encontra alegria na tristeza e sempre se aproxima mais de Deus e, a cada passo, pode conhecê-lo melhor.

11. ANTES EU TE CONHECIA SÓ DE OUVIR...

É preciso sempre lembrar que há níveis de conhecimento a respeito de Deus. Jó era um servo extremamente fiel a Deus, mas se viu envolvido numa acirrada disputa. Sabemos de tudo o que Satanás, sob a permissão divina, infligiu a Jó. Sabemos também que Jó não pecou e o vemos em seu livro agonizando, muito mais por não conseguir entender o motivo de tudo aquilo, do que pela dor das chagas. Numa certa altura ele desabafou: "Ah! Se eu soubesse onde o poderia achar! Então, me chegaria ao seu tribunal. Exporia ante ele a minha causa, encheria a minha boca de argumentos" (Jó 23.3-4). Deus finalmente concedeu uma audiência a Jó. Deus veio até ele e lhe falou do meio de um redemoinho (Jó 38.1). Entre outras coisas, Deus demonstrou que Jó não entendia nada dos planos eternos de Deus. Mostrou que Jó não entendia a maneira como Deus havia criado o mundo, e nem mesmo como o preservava, cuidando dos animais pequenos ou grandes, das estações do ano, da influência dos astros sobre a terra (Jó 38-41). Deus quis demonstrar a Jó que ele não tinha razões para questionar seus propósitos. Depois de tudo isso, Jó fez o seguinte reconhecimento: "Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem" (Jó 42.5). Uma frase como essas na boca de uma pessoa que se demonstra hesitante em servir ao Senhor é compreensível, mas de alguém como Jó, sobre quem o próprio Deus deu testemunho de que era íntegro, temente a Deus e que se desviava do mal (Jó 1.8); isso é algo no mínimo intrigante. Ao final de sua experiência trágica, ele reconheceu que seu conhecimento de Deus havia tomado proporções não imaginadas. O fato é que ele precisou perder as três coisas que as pessoas mais valorizam no mundo (bens, família e saúde), para entender que não conhecia realmente a Deus. Mas foi

¹⁴ GRUDEN, Wayne. Teologia Sistemática. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.



naquele momento de dor que Jó pôde reconhecer que, embora não o compreendesse, agora o conhecia¹⁵.

Um conhecimento pessoal, a partir da experiência de vida com Deus. Não mais um conhecimento de ouvir, mas um conhecimento de ver. Evidentemente que Jó não está falando em termos literais, pois ninguém jamais viu a Deus nesse sentido. O que Jó está dizendo é que seu conhecimento de Deus, naquele momento, já não era de impressões externas, ou a partir do que os outros falavam. Ele conhecia Deus a partir de sua própria experiência. Deus se revelou a ele, e embora não tenha revelado seus propósitos (Deus não explicou o porquê do sofrimento de Jó), demonstrou que era um Deus confiável. Jó percebeu que Deus o amava ainda que as bênçãos tinham desaparecido. Jó percebeu que Deus era suficientemente sábio e poderoso para guiar o destino do mundo sem que seus planos fossem frustrados (Jó 42.2). Ele entendeu que conhecer a Deus era sinônimo de crer e descansar nele. Isso convenceu sua mente e encheu seu coração de paz. Agora o conhecia de verdade. Na experiência de Jó, ele pôde chegar à conclusão de que não conhecia somente algo sobre Deus, mas que conhecia o próprio Deus. Embora esse conhecimento tivesse vindo pela experiência.

12. CONHECE-TE A TI MESMO

Conhecer a Deus implica conhecer a si mesmo, pois Deus é a origem do homem. Não conhecer a Deus implica não saber de onde se veio, onde se está e muito menos para onde se vai. Não conhecer a Deus é nada entender sobre o mundo, sobre a vida, ou sobre qualquer outra coisa. Nas palavras de Packer, para aqueles que não conhecem a Deus "o mundo se torna um lugar estranho, louco, penoso, e viver nele, algo de decepcionante e desagradável. Só resta o desespero para quem não conhece a Deus, pois não conhecer a Deus significa não conhecer coisa alguma, significa viver uma vida de fracassos, decepções, tropeços e desilusões. Não conhecer a Deus é viver uma vida inferior à dos animais, pois a Bíblia diz que "o boi conhece o seu possuidor, e o jumento o dono da sua manjedoura", mas, com relação a Israel Deus diz tristemente "Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende" (Is 5.3). A filosofia tem demonstrado isso vividamente ao longo dos séculos. Desde os filósofos estoicos e epicureus que Paulo enfrentou no Areópago e que desejavam alcançar a paz da alma através do afastamento dos prazeres, até os modernos filósofos nihilistas, todos têm rejeitado o conhecimento de Deus e, desse modo, rejeitaram o conhecimento do homem¹⁶.

Finalmente, devemos entender que conhecer a Deus é o alvo do homem. Conhecer a Deus, contudo, não é, necessariamente, sinônimo de buscar as bênçãos dele. Percebemos que esse foco está distorcido na vida de muitos crentes, que estão mais interessados nas bênçãos do que no próprio Deus. Vivemos um tempo em que a oferta de "soluções para todos os problemas" tem sido a grande proclamação das igrejas. Há um grande erro por trás disso, pois Deus é o maior bem que o homem pode ter. Deus em si mesmo, seu ser mais do que seus benefícios, o doador mais do que a dádiva, a fonte mais do que o córrego. Devemos parar de buscá-lo apenas com segundas intenções. Não podemos adorá-lo enquanto levantamos nossos olhos interesseiros em sua direção. Deus, em si mesmo, é o Bem Supremo e todos os nossos

¹⁵ PACKER, J. I. O conhecimento de Deus. 5ª Edição. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1997.

¹⁶ PACKER, J. I. O conhecimento de Deus. 5ª Edição. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1997.



esforços devem se concentrar em conhecê-lo. O exemplo do Apóstolo Paulo deve ser nosso lema: "Mas, o que para mim, era lucro, isto considerarei perda. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor" (Fp 3.8-9). Por isso ele declara: "Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo" (Fp 3.13-14). O que ele deixaria para trás era sua vida de regozijos terrenos, seu status de nascimento. Esse é um exemplo formidável, e é terrível perceber que não é o alvo da maioria dos crentes que trocam Deus por suas bênçãos, ou pelas satisfações do mundo. Assim, por mais que aparentam conhecê-lo, continuam tateando.¹⁷

CONCLUSÃO

Os teólogos medievais tinham uma frase interessante para falar sobre a possibilidade de o homem conhecer e compreender a Deus: "O finito não pode conter o infinito". Sobre essa frase, o teólogo R. C. Sproul afirma: "Nada é mais óbvio do que um objeto infinito não pode ser comprimido dentro de um espaço finito"¹⁸. Se Deus é infinito e o homem finito, então é impossível que o homem tenha todo o conhecimento de Deus. Mas será que isso significa que o homem nada pode compreender a respeito de Deus? Será que o fato de Deus ser infinito e o homem finito faz com que nunca possam se encontrar? Filósofos como Kant (1724-1804) diziam que, se Deus existe, nada se pode saber sobre ele, pelo fato de que ele faz parte de uma dimensão que não é a dos homens. Muitos argumentam que, como Deus não pode ser compreendido, conseqüentemente também não pode ser conhecido. A partir da Bíblia, podemos chegar à conclusão de que Deus é incompreensível por causa de duas razões: primeiro porque ele não revelou tudo de si; a segunda razão é porque somos limitados de entendimento, somos incapazes de entender a complexidade do ser de Deus.

Embora Deus seja infinito e incompreensível para nós, ainda assim podemos conhecê-lo. Quando afirmamos que o finito não pode conter o infinito, não estamos querendo dizer que nada pode ser compreendido a respeito de Deus, queremos afirmar apenas que Deus não pode ser compreendido de forma exaustiva, ou seja, em sua totalidade. Ele pode ser conhecido de forma verdadeira e isso porque ele mesmo se dá a conhecer e nos capacita a fazê-lo. Esse é um bom momento para lembrar as sábias palavras de Clark: "Podemos saber que Deus existe, sem sabermos tudo o que ele é"¹⁹.

Francis Schaeffer²⁰ chegou a uma conclusão admirável sobre a necessidade da existência de Deus: "Não há outra resposta possível. Podemos ter a certeza de que nossa fé bíblica é absolutamente racional". A vida tem sentido porque Deus existe. Por essa razão, "Deus, e somente Deus é o maior bem do homem"²¹. A existência dele é a garantia da racionalidade de nossa própria existência. É a certeza de que a vida tem sentido. O Deus da Bíblia existe, e por isso faz diferença ser justo ou injusto. Há um Deus justo e poderoso o suficiente para julgar retamente, recompensar o que deve ser recompensado e punir o que deve ser punido. Há um

¹⁷ PACKER, J. I. O conhecimento de Deus. 5ª Edição. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1997.

¹⁸ SPROUL, R. C. Verdades essenciais da fé cristã, p. 43.

¹⁹ CLARK, David S. Compêndio de Teologia Sistemática, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, [s.d.].

²⁰ SCHAEFFER, Francis. O Deus que se revela, pág. 52.

²¹ BAVINCK, Herman. Teologia Sistemática. São Paulo: Editora Socep, 2001.



Deus bom e sábio o suficiente para planejar todo esse universo e estabelecer todas as leis que governam a criação. Nós existimos porque Deus existe. Não é irracional crer na existência dele. Não é irracional crer nas Escrituras²². É maravilhoso contemplar as obras da mão dele e saber, lá no fundo do nosso ser, que ele é o grande autor de tudo. Como ao final de uma apresentação podemos nos levantar de pé, ante o imenso palco da natureza e aplaudir o criador pela maravilhosa obra de arte que ele realizou. E, acima de tudo, podemos nos sentir como parte dessa ordem e propósito. Não somos fruto do acaso. Somos obra das mãos do Ser Infinito e Inteligente que nos criou e nos incluiu em seu plano eterno e perfeito.

BIBLIOGRAFIA

- BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. Campinas: Luz Para o Caminho, 1992.
SCHAEFFER, Francis. O Deus que se Revela. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.
HODGE, Charles. Teologia Sistemática. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.
GRUDEN, Wayne. Teologia Sistemática. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.
BAVINCK, Herman. Teologia Sistemática. São Paulo: Editora Socep, 2001.
LIMA, Leandro Antônio de. As grandes doutrinas da graça. São Paulo: Agathos, 2013.
SCHAEFFER, Francis. O Deus que se revela, p. 68-69.
SENNETT, James F. The Analytic Theist –An Alvin Plantinga Reader, pp. 22-49.
KUYPER, Abraham. Calvinismo, p. 123.
RUSSEL, Bertrand. Why I Am Not a Christian. New York: Simon and Schuster, 1957, p. 107.
SPROUL, R. C. Verdades Essenciais da Fé Cristã. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1198.
CLARK, David S. Compêndio de Teologia Sistemática, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, [s.d.].
PACKER, J. I. O conhecimento de Deus. 5ª Edição. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1997.

²² LIMA, Leandro Antônio de. As grandes doutrinas da graça. São Paulo: Agathos, 2013.